

## MEMORIAL DESCRITIVO

### TRANSCRIÇÃO DE RELATO DE VIDA – MESTRE AÉCIO DE ZAIRA



*“Até hoje, quando eu chego numa mata assim, frondosa, eu desejo ficar debaixo de uma árvore por muito tempo meditando, e eu choro muito por dentro com essa coisa, essa questão de você não poder. Eu vou dizer pra você, a questão do meu sangue e dos índios kariri é uma coisa... [pensativo] Mas eu não cheguei a conhecer, né... mas eu sinto, até hoje eu sinto [pausa].”*

### INFÂNCIA

Meu nome é Aécio Rodrigues de Oliveira, sou Mestre de Cultura do Estado do Ceará, filho do Crato. Dos dez irmãos que tive, de meu pai e minha mãe, sou o terceiro filho.

Nasci na beirada do Rio Kariri [antigo nome do Rio Grangeiro para os nativos], no bairro Zacarias Gonçalves, numa casinha de palha. Vivi nessa casa até os 17 anos, com minha mãe, meu pai e meus irmãos. Minha vida começou ali, na beira daquele rio. Minha mãe, meu pai e minha avó me ensinaram muita coisa.

A minha mãe, o nome dela era Josefa Rodrigues da Conceição. Ela era filha de Porteiras. Minha mãe foi atriz, cantora, enfermeira e uma das fundadoras da Fundação Padre Ibiapina, que era onde é uma faculdade aqui do Crato, a URCA. Fundadora do Hospital São Francisco. Fazia Dramas, inclusive nessa idade [criança] ela me levava pros Dramas. Aquelas apresentações que ela fazia com aquelas colegas dela era uma coisa tão real, que era como se eu tivesse vivendo dentro da peça. Aí tinha os cantos...e eu ficava louco com aquilo. Mas minha mãe sempre ensinava aquilo tudo pra gente, pra todos os meus irmãos, mas eu, não foi que eu fui mais esperto, eu me interessei mais pra aprender essas coisas, e estar sempre ligado a ela.

O meu pai, Valdemiro Apolinário de Oliveira, era tocador de berimbau, fazia uns berimbau imenso, que era com uma lata, e três metros de altura. Ele fazia aquelas serestas de antigamente com aqueles amigos dele.

Nós morava nas margens, na beira de uma mata, a Mata do Odon, que fazia divisa com o bairro do Seminário, Granjeiro e a Chapada. Como ela dava acesso ao rio, tudo que a gente queria tinha no rio. A gente bebia água do rio, pescava no rio, o próprio barro que a gente trabalhava tinha no rio, as plantas, sementes.

Minha avó paterna era Isabel Ferreira de Lima. A minha tataravó, do lado do meu pai, era dos índios Kariri, original daqui. Não lembro do nome, porque era uma coisa mais antiga. Minha vó falava pra mim, que eu me interessava muito, falava da história do povo dela, que era dos índios. Até nomes de índios ela falou, como era que eles caçavam, o que eles faziam pra proteger a natureza; eles pegavam aquelas sementes, faziam maracá de coco, não colocavam nada pra prejudicar a natureza.

Então a minha vó, Isabel, foi muito na minha vida também, contando as histórias desse povo, os índios Kariri; era uma coisa maravilhosa. E eu fiquei tão orgulhoso em fazer parte desse povo, uma pena que não cheguei a conhecer... e quando a gente foi melhorando, ficando mais “durim”, eu procurava falar com as pessoas, ficava perguntando, as pessoas não davam informação, não diziam nada: “isso aí já mataram, já acabou”, a linguagem... um dizia: “levaram pra Fortaleza, exterminaram tudo”. Eu nunca esqueci dessas coisas. Mas eu sempre me orgulhei de ser desse povo, os índios Kariri.

Aí vim crescendo e aprendendo a fazer os instrumentos. Eu aprendi a fazer um violão de tala. Tirava as palha pra fazer a choupana da gente, a coberta, e aquela parte mais grossa que chamava a talha da palha, minha mãe fazia uma sangria com uma faquinha, levantava a madeira um pouquinho, botava um calço, aí eram umas cordazinha, o som era só isso [onomatopeia] “trim”. Aí eu falava: “mãe, é só isso de som?”, e ela dizia: “isso é bom demais”. Aí eu achava incrível. Até hoje eu tenho esse instrumento. Sempre o orgulho eu carreguei, e sempre tive o cuidado de preservar a natureza, proteger... e passar isso pra frente, né? Aí eu consegui fazer um violãozinho de uns pedaços de coisa, de madeira, já mais na frente. Pedi a minha mãe: “já que somos protetor, a senhora deixava eu pegar coisa do lixo?” o povo botava no lixo papel, pedaço de madeira, e inventei de fazer um violão que eu nunca vi como é que era um violão, eu fiz um bicho assim, que não era nem quadrado nem redondo, era oval e bicudo, na nossa linguagem, e coloquei quatro linha, não era nem corda. A gente tirava a casca dos toré pra fazer, e uma casca bem resistente, do angico. Aí botei no instrumento que eu chamava de violão. Saía um sonzinho

muito pouquim, dava só pra eu ouvir. De qualquer maneira, foi o violão que eu tive. Não tinha quem me ensinasse, mas eu nunca desisti desse instrumento. Fui me aperfeiçoando, melhorando, aprendi umas coisinha. Quando foi mais na frente consegui comprar um violão véi quebrado. Falei com o marceneiro pra ajeitar. Passou um tempo, ele não ajeitou, e eu pedi pra ele me ensinar, e ele me ensinou a ajeitar o instrumento. De qualquer maneira, eu sempre estava ligado à música, à arte, e fazia essas coisa.

Papai trabalhava no que aparecia, de agricultor, de pedreiro, de servente, e eu sempre fui observando aquelas coisa que ele fazia.

Como nós morava numa casa de palha há muitos ano, todo ano tinha que tapar os lateral, as parede de barro que caía. E coberta de palha. Meu pai fazia aquele mutirão e eu fui aprendendo a fazer aquelas casa, que a gente chama casa de sapé. Então esse trabalho era uma coisa muito rica. Aí eu ajudava meu pai a tapar a casa dos outro e a fazer essas coisa, coberta, tirar palha. Eu me encantei com um coqueiro que nós chamamo de coco babaçu. Da palmeira tirava a palha, cobria a casa e do talo, eu fazia os violãozinho que nós chamava. E o coco babaçu era encantador.

Minha mãe ensinava a fazer óleo do coco: a gente botava ele pra secar, quebrava, tirava os bago. Do bagaço minha mãe fazia um carvão pra queimar e fazer a comida, quer dizer, não ia pra natureza. E o bago, a gente torrava, pilava no pilão, botava pra cozinhar, apurava e fazia o óleo. Esse óleo já servia pra alimentação, pra cozinhar e torrar as coisa. Da macaúba, o birro, da mesma forma. E do birro, minha mãe me ensinou a fazer anel. A gente não tinha com o que cortar, relava numa pedra, relava, relava, e fazia a forma do anel. Aí comecei a fazer aquelas coisinha pra vender também. E sempre aprendendo as função da minha mãe, do meu pai e da minha vó. Minha vó ensinava a fazer cavalim e boim de barro. Aí ela pegava um pedaço de laje do rio, quebrava um quadradinho, e fazia um conjunto, um boi, uma vaca, o vaqueiro, e pregava no barro, como uma moldura, e vendia pras pessoas. Minha mãe ensinava a pintar também, pegava umas tinta que era tipo pó de pedra. Era fraquinha, mas dava pra pintar. Ensinou também a fazer panela, pote, que hoje em dia é moringa, ensinou a fazer quartinha, fazer a tampa das panela. Era um artesanato muito rico. Aí vem a questão da madeira, pegava casca de madeira, fazia colagem, por exemplo, aquelas parte de madeira que ficava quase exposta, a gente fazia umas colagem com casca de angico, que era avermelhada. E aí vem a questão da resina. Tudo isso que minha vó ensinou mais minha mãe. A gente pegava a resina de angico, botava no sol, quando ela secava, a gente cozinhava a resina, dissolvia ela, pegava as folhas de cores, folhas, fazia um pozinho e misturava. É o que hoje a gente chama de verniz, e servia como

tinta pra pintar qualquer coisa. Minha mãe dizia que a resina de angico era muito gostosa, e a gente comia a resina. Era bem docinha... Minha mãe dizia que servia pra vários tipos de doença, por exemplo, pros rins. E aí minha mãe e minha vó me ensinaram coisa das planta medicinal. Vários tipos de planta, pra que servia. Se tava com uma dor de barriga, macela... eu cheguei a aprender mais de cinquenta tipo de planta de remédio. Na época ninguém comprava remédio, era tudo em casa.

Minha tataravó, eu tive muita vontade de conhecer ela, porque meu pai dizia assim, que ela, eles [os índios kariri] usavam... até eu pensei, uma época, furar o nariz assim... existia um bambu, ainda tem, que nós chamamo de taquara, é um bambu de fazer gaiola, da grossura de um lápis, e tem um buraco. Minha vó falava que minha tataravó, a tribo, furava um buraco no nariz de um lado pro outro, dessa maneira aqui ó [mostrando o nariz], enfiava esse canudo. Ele tinha duas ponta aberta e uma ponta aberta pra dentro. Aí quando dava aquela respiração bem profunda, era dois apito incrível! Aí eu fiquei louco, era louco por coisa de som, de instrumento. Entende, né? Quando tampava uma ponta aqui [mostrando com gestos], que soprava, o apito que saía era de um som diferente. Era uma coisa... e era alto! Papai disse que era alto. Papai também falava da tribo, que minha vó contava pra ele.

Meus instrumento, como já vem de longe, eu comecei criar, fabricar através do meu pai, da minha mãe, da minha vó e da tribo, não é... da minha tataravó, que contava pra ela [para a avó], então hoje eu fabrico esses instrumento, e em cada peça eu vejo o sangue do meu povo, os índios kariri, até porque... você pode ver: eu sou muito ligado a cabaça, coco, birro, fruto, flores, sementes, tudo que é uma coisa que vem de lá da minha tribo, da nossa tribo. Até os instrumento que eu fabrico, uma rabeca, eu fabrico com uma característica daquele mundo antigamente. Eu fabrico um berimbau daquela época, totalmente diferente, eu fabrico pau de chuva, de bambu e de toré, eu fabrico coisas de pedra, e de pele também, porque inclusive minha vó falava que as arma que eles fazia de pedra, era tipo uma faca, um machado. Até isso eu aprendi, escolher as pedra mais dura pra fazer essas coisa, e as pedra mole era pra fazer tinta; quebrava, peneirava, e pegava uma árvore que chamava canela de ema, uma árvore que botava de molho, e aí fazia um pincel, que hoje a gente chama de brocha.

A memória do nosso povo, hoje, faz tempo que é apagada, pela falta de respeito à humanidade. Falando de um modo geral, hoje a gente não pensa em proteger a quem devia ser protegido, isso sobre a memória do nosso povo, que é apagada há muito tempo. Mas hoje eu me sinto representado mil por cento sobre isso, porque na verdade eu estou aqui, eu conheço muitas coisa que foi passada pra mim. Se for depender de mim, não vai morrer é nunca, a memória do



meu povo! E toda essa grandiosidade da cultura deles, de fazer e criar, inclusive nesse trabalho meu eu tô sempre passando, tô fazendo, até os próprios instrumento que eu fabrico, tem a memória do meu povo. Você pode ver que é coisas diferente, sons diferente.

Eu fabrico tanta coisa. Eu fabriquei um instrumento que não tinha nome, não. Foi um amigo meu que falou que era dos índios do Paraguai, criado duma cabaça. Ele só me disse por alto, ficou de mandar o projeto. Em nem vi o projeto, fabriquei e quando comecei a tocar, dei o nome de sax, porque tem um som parecido com o sax. É dois fundo de duas cabaça, vibrando. É uma coisa incrível. Quando eu comecei a tocar esse instrumento, era mesmo que tivesse vendo meu povo tocando na época, num ritual. Eu não vi, mas eu sinto o ritual como era feito, em noite de lua cheia. Meu pai e minha vó falou disso, que em noite de lua cheia, os índio se preparavam pra aquelas dança de guerra, que não era guerra. Se preparava cada um com seus instrumento, que fazia de cabaça, de bambu, aquela fogueira, entendeu? Eu vejo aquilo nas minhas noitada hoje. Eu vejo uma coisa maravilhosa. É como se eu tivesse vivendo tudo aquilo ali.

Chegando ali pela adolescência, uma coisa muito importante que eu me lembrei agora e minha mãe falava: a concentração em tudo o que você quer fazer. Dizia bem assim: “Olhe, a melhor época de você se concentrar e aprender tudo – escolha um horário à noite, vá na beira do rio e se sente numa pedra, só você e você”. Aí eu dizia: “mas mãe, como é que pode só eu e eu?”, “Só você e você, é você e seu povo”. Eu me sentava numa pedra, a lua cheia [pausa] eu via a lua, uma coisa tão linda. E eu começava a ver a harmonia e a orquestra do vento, você acredita? O vento batia numa folha e fazia um som diferente, batia numa pedra, num pau... tinha momento que o vento assoviava numa coisa tão incrível que parece que eu tava paralisado. [pausa] Aí circulava o vento, chegava e passava em frente a mim... era uma coisa, vou dizer pra você, fora de série. Minha mãe dizia pra prestar atenção, observar o que vai acontecer. E eu lá sozinho. Aqui e acolá eu via um canto de um pássaro, bem longe, distante, variado. E vinha o canto da coruja. Quando menos esperava, eu tava no mei de canto de som de vento, e vinha som da água na beira do rio. Eu ficava louco com aquilo. [pausa] Através daí, desse som, veio me dando um suporte a mais pra música.

## O VIOLÃO

Eu nunca me desliguei da música. Nunca teve um instrumento em cima da Terra que me tirasse do violão. Violão sempre foi meu instrumento.

Uma vez chegou um senhor lá em casa, tocando violão, uma marcha, eita... e eu chorei... [pausa] eu olhava pros dedos desse senhor, era uma coisa muito incrível, e eu pensava “como é que pode uma coisa bonita desse jeito”. E como é eu faço pra aprender um negócio desse... por causa da dificuldade, meu pai tinha que batalhar o pão pra tudim e era difícil, e não podia me ensinar porque não tocava violão. Eu falei com o senhor se podia aprender e ele disse: “olha... não é assim não... [pausa] isso é difícil, muito difícil... com o tempo você vai batalhando...”. Eu pedi pra minha mãe comprar uma cadernetinha e um lápis, aí tudo que eu via alguém tocando, ali por perto, na beira do rio sempre tinha, nos balneário que o pessoal ia no final de semana e levava instrumento pra tocar, minha mãe deixava eu se aproximar e, de longe, eu olhava pro braço do violão e os dedo, ficava aqui com o lápis marcando, numerava as casa e os dedo pra quando eu tivesse um violão. Eu sei que fazia tanto tempo que a cadernetinha tava quase cheia [ri]. Aí quando eu consegui um violão velho que dava pra quebrar o galho, aí lá vai... botava o dedo...

Eu tinha pedido pra minha mãe pra juntar coisa do lixo, o pessoal botava muito lixo na beira do rio, papel, ripa, caibro, guarda roupa velho. O que eu podia, eu vendia, pra juntar meu dinheirinho, tinha um pessoal que comprava. Pedi pra minha mãe pra eu ir fazer frete na feira. A gente pegava os balaio e as cesta das pessoa, pra juntar um dinheirinho. Fiz até um cofrim de barro, que minha mãe me ensinou. Conheci Madre Terezinha, ficava no abrigo das freiras, que até hoje ainda existe no Crato, pegava umas cestinha e madeira dela, e ela gostou tanto de mim que falou: “Aécio, você não quer vir dois dia por semana pra aguar a plantação de pimenta do reino?” De dois em dois dias ela guardava a metade de um pão pra mim e eu trazia pra meus irmão, uma fruta...

Com esse dinheirim que ela me dava, e das coisa que eu vendia do lixo, tinha um senhor que tinha um violão quebrado, a metade do testo superior do violão era quebrado. Eu comprei esse violão, e tinha um marceneiro aqui no Crato, por nome Valois, ele consertava. Eu fui lá falar com ele e ele passou uma semana e não consertou. Aí eu disse: “o senhor queria me ensinar a consertar?”. Ele pegou um pedaço de compensado e mostrou que era pra cortar do tamanho do buraco e colar. Eu cortei e coleí, oxente! [ri] peguei uma resina, dei uma lixada e uma pintada do meu jeito, e pronto. Aí comecei a tocar as primeiras notas.

## IDA A SÃO PAULO

Concluindo o primário, me preparei pra fazer os curso profissionalizante no SENAI. Mesmo que eu não quisesse tinha que aprender uma profissão pra eu poder me manter. Existia um SENAI aqui no Crato que você fazia os curso de pedreiro, uns 90 dia, e recebia uma bolsa de ferramenta. Então tinha as duas coisa que eu queria, um aprendizado melhor e a bolsa. Fiz também o de eletricista, bombeiro hidráulico, carpinteiro, marceneiro e laqueador. Aí me preparei e disse: “pronto, agora tô preparado pra viajar e adquirir um bom instrumento no sul, e se puder eu estudo música”.

la fazer 19 ano, e fui pra São Paulo. Como eu não tinha o dinheiro da passagem, o que é que eu fiz, junto mais uns amigo: tavam precisando de um grupo pra trabalhar em crediário vendendo panela em Mato Grosso do Sul. A única maneira que eu tinha era essa né, pra meu objetivo. Fomos pra lá, chegamos, pagamos o cara lá, e viemo pra São Paulo.

Fui trabalhar de pedreiro, assinaram minha carteira. Existia uma escola em São Paulo, o grupo AMA, escola de música que ficava vizinho ao campo do Palmeiras, na Água Branca. Eu me matriculei, as aula eram à noite, eu trabalhava de dia, era três dia por semana à noite, de sete às nove. Fiz o curso de violão básico em seis meses. Depois fiz outro curso de música no Instituto Universal Brasileiro. Já tinha dois curso.

Nesse mei, eu já tava tocando algumas coisa, né, e comecei a tocar nos barzinho à noite. Toquei na Casa de Belchior em São Paulo. Era uma casa de show de um fã de Belchior. Ele era tão fã que montou uma casa, se vestia como Belchior, tudo de Belchior tinha lá, mas não era a casa de Belchior. Aí eu tava tocando um dia lá e tava Raimundo Fagner, Belchior, Paulo Sérgio. Eu me senti assim tão... olha... eita... uns cabra desse aí [envergonhado]. Aí fui me interessando cada vez mais, arrumei um emprego numa firma em São Paulo chamada Santa Marina, que fiz um curso técnico em vidro e forno, e me mandaram para o Rio de Janeiro trabalhar na Casa da Moeda, pra fazer reparo. Lá eu fiquei três meses. Vizinho ao hotel que a firma pagava pra gente, Luiz Melodia cantava num grupo lá, me esqueci o nome do grupo, cantava de quinze em quinze dias. Eu sempre andava com o violão, nunca deixava, era minha arma, aí um cara do hotel disse: “Ceará, olha, Luiz Melodia vai tocar amanhã aí, quer tirar uma canja lá?”. Eu disse “vou na hora!”. Os cara falaram com Luiz Melodia. E tudo bem. Fui lá todo me tremendo [dramático]... na época ele cantava Juventude Transviada, cantava Estácio. Raimundo Fagner tinha lançado uma música, Orós Bengala, tava o maior sucesso no Brasil. Aí o cara falou com Luiz Melodia, eu tava sentado na mesa, ele fez bem assim [gesto de chamar]. Luiz Melodia tava com a guitarra, cheguei lá e ele disse: “Muito prazer! É toda sua.” Eita, eu fiquei... [entusiasmado] era aquela alegria e aquele

medo, e o clube lotado, que Luiz Melodia era uma fera lá! Eu vou dizer, eu me tremi mas tinha que me segurar, era a oportunidade, né? Peguei logo aquela música e botei pra quebrar. Quando comecei tocar, o clube levantou em peso. Eu não sabia se chorava, era como subir um fogo [empolgado], e me segurando pra não cair. E Luiz Melodia: “Dez!”. Eita, rapaz... Aí toquei cinco músicas, e Luiz Melodia disse: “Rapaz, você tem futuro! Você quer ficar aqui tocando com a gente, eu dou uma ajeitada.” E eu falei: “tô trabalhando numa firma assim, tô fazendo um trabalho aqui de carteira assinada”. Falei do hotel. E ele: “Tudo bem, mas se um dia você voltar, me procure.” Eu trabalhava na firma, né? Mas só de ter feito isso, rapaz. Naquela época, não foi gravado nada, e eu fiquei... mas só a honra que eu tive de tocar com um cabra daquele. Aí voltei pra São Paulo, eita... minha cabeça com aquilo...

Fiquei trabalhando e tocando nos barzinho. Depois a firma me mandou pro Paraná. Lá não toquei porque era um lugar muito frio. Voltei pra São Paulo e a firma ficava me mandando pros interior. Em São José dos Campos, fui trabalhar num forno que fazia umas peça pra avião, fiquei um ano. Conheci muita gente importante lá. E quando voltei pra São Paulo, eu tava tocando num barzinho, aí chegou um cara lá que se apresentou como empresário de Chico Buarque e de Fábio Júnior. Nessa época eu já tinha oito composição. Se interessou pelas minhas coisa, né, e disse: “se você quiser, invisto na sua carreira, você tem futuro”. [pausa] O danado do trabalho meu, que era carteira assinada, eu não podia, dependia daquilo pra pagar tudo. Era solteiro ainda, tudo bem, mas eu sempre fui uma pessoa responsável. Deixei pra lá.

## **RETORNO AO CRATO**

Como eu achei que tava preparado pro que eu fui buscar [em São Paulo], já tinha estudado um pouco e comprado meu violão, umas coisa pra minha mãe e meu pai, e arrumado um dinheirim pra me organizar quando chegasse aqui no Crato. Lá foi só uma preparação. Comecei a lembrar de minhas origens, do meu povo, dos índios kariri, da preparação que eu tive, do que eu queria, e já tinha como me organizar e me manter por aqui, pensei: “tenho que voltar pra minha terra”. Então o objetivo era aqui. Aí voltei.

Foi na época que voltei que comecei a entender o que Madre Terezinha me dizia quando eu era mais novo. No fundo do quintal da minha mãe, falei com uns capoeirista que moravam no bairro do Seminário e montei um grupo de capoeira. No domingo a gente fazia uma sopa, um caldo e aí vinha aquela turma de menino. Eu e meus amigo eram voluntário. Isso foi lá pra 1984, quando montamos um grupo de jovens. Esse grupo de jovens era pra trabalhar em torno das pessoas carente. Doava cesta básica, conseguia remédio, uma consulta pra quem não podia pagar,



porque a carência era grande aqui. A gente também consertava a casa do povo, caía uma parede, ia lá de mutirão e levantava, fazia reboco. Então tudo que a gente conseguia era pra ajudar as pessoa que precisava.

Depois daí, eu já tava com 34 anos, conheci a Tereza, que é minha esposa atual, a Mestreza Tereza Zaira, a gente montamo uma banda pra tocar forró na época. Casamos em seis meses e mudei pro Matadouro [bairro Zacarias Gonçalves]. Lá no início de 1990, montamos um grupo de jovens com base na Igreja Nossa Senhora da Conceição, que a carência lá era muito grande. Tinha dois grupo, um aqui no Seminário e outro lá. As pessoa daqui foram pra lá, mas foram saindo, casando. Isso faz 30 ano. A minha sogra era presidente da associação de moradores do bairro, Dona Edite Mariano. Batalhamo e conseguimos terreno pra umas trinta família. Brigamo com a prefeitura na época.

Depois do grupo de jovens, uns anos depois, eu mais Tereza tivemos a ideia de criar um projeto, isso há uns vinte e poucos anos. Uma coisa mais organizada e completa pras pessoas se engajar, como se fosse um grupo de jovens, mas uma coisa com mais responsabilidade. Aí fundamos o Projeto Cultural Edite Mariano, o PROCEM, em 1999. Eu criei esse nome, que era um trabalho voluntário, e a gente queria homenagear Dona Edite, já falecida, que era uma guerreira e fez tanta coisa no bairro. O objetivo era criar oficina de música, de fabricação de instrumento, proteger o meio ambiente e ir nas casa das pessoa batalhar por alimento, remédio.

## **O PROJETO CULTURAL EDITE MARIANO**

Começamos o PROCEM só eu e Tereza, e convidamos uns amigo pra ser padrinho direto, que pudesse contribuir com um quilo de arroz, ou outra coisa. Outros amigos diziam: “Aécio, se você quiser que eu ajude a dar oficina de violão, de alguma coisa...”, mas nunca era direto. Fomos organizando bem direitim, fazendo ficha de inscrição, chamando os pais das crianças para estarem junto nas oficinas. Fizemos no fundo do quintal de casa, era tudo aberto. Uns amigo doaram tijolo, e a gente fez um muro. Violão só tinha um. Um amigo doou um violão quebrado e eu consertei. A partir desses conserto eu lembrei do que eu fazia antigamente, na questão do artesanato, e aí me interessei mais pra consertar. Nessa brincadeira já tinha três



violão. Com pouco tempo já tinha bastante pessoa com a gente nas oficina, ajudando e participando. Daí o PROCEM começou a ser conhecido, e eu continuava tocando na noite, sozinho ou em bandas como o Herdeiros do Rei, e trabalhando na semana como pedreiro.

Só conseguimos apoio de instituições muito tempo depois. Em 2013-2014 mais ou menos tivemos apoio da UFCA [Universidade Federal do Cariri], o Grupo Mapeamus da faculdade de música, nas oficinas. Chegaram a vir 20 pessoas da faculdade, professor voluntário. Vinham dar oficina de percussão, violão, canto coral, flauta. Deram o maior apoio ao PROCEM. E tivemos pequenos apoios de escolas, em termo de alimento. Por exemplo, a URCA [Universidade Regional do Cariri] doava feira básica. De outra maneira não tivemos muito apoio, essa questão é muito difícil. Aí criei um calendário de padrinho. Quando criamos a sopa, há uns 15 ano, que acontece uma vez por mês, vem muita gente do bairro, adulto, criança, e de outros bairros vizinho também. Sempre o trabalho da gente não teve fronteira, porque as pessoa vinha pras oficina, pra alimentação, além das oficina voluntária que a gente fazia em outras comunidades.

Como eu já tinha toda essa técnica de criar e fazer instrumento, voltei lá no passado da minha tribo, da minha vó, do meu povo. Nos últimos ano, de 2015 pra cá, veio os problema de doença, como eu não podia mais tá nessa correria [trabalho de pedreiro], comecei a aperfeiçoar mais o meu trabalho na luteria, para fabricar meus instrumento. Como eu não consegui benefício, não tinha como sobreviver, aí eu investi bastante no meu trabalho com artesanato e luteria. Comecei



a fazer bastante, e retomei de uma vez. Tocava na noite, também, mas não tava tão bom assim... Já tinha bastante instrumento que dava pra fazer exposição, e fizemos inscrição no CCBNB [Centro Cultural Banco do Nordeste] em 2017. E passamos pra fazer oficina de luteria e exposição. Dali pra cá a coisa começou a melhorar, os instrumento começou a ser visto. Aí

depois veio a exposição na Mostra Sesc em 2018, e muita coisa legal veio aparecendo. Começamos a participar de outras coisa, na Vila da Música e noutros locais. Fui convidado pra participar de uma exposição em 2019 em Niterói, Rio de Janeiro, no Museu Janete Costa, pra onde foram 19 instrumento. Essa exposição foi muito boa, no Rio de Janeiro, inclusive todos esses instrumento que foram para a exposição foram vendidos. Foi até uma surpresa pra gente.

Fui participar da Bienal em Fortaleza, também, e da CEART [Central de Artesanato do Ceará], e do evento de Mestres do Mundo em Sobral. Então, quer dizer que essa questão da luteria deu um pulo pra oitenta por cento. Mas tudo junto. Sempre foi tudo junto: a luteria, o PROCEM, o trabalho voluntário com muitas pessoa. E começamos a fazer outras coisa, com música e tradição. Fundamos o Maracatu PROCEM em 2013 e criamos a Banda Tambores do Axé em 2017.

A nossa mudança para o bairro do Seminário em 2019 aconteceu porque o terreno que eu morava não era nosso e não deu certo mais ficar lá, Viemos pra cá, a gente paga aluguel aqui numa casa pequena pra manter o projeto e não deixar a peteca cair, mas ganhamo um terreno da prefeitura, falta só receber a escritura, e nós precisamos arranjar uma forma de conseguir dinheiro pra construir o barracão do projeto. Aqui no Seminário a gente não tem equipamento cultural. Só existe nós.



## **MÚSICA, LUTERIA E PROCESSOS CRIATIVOS**

No decorrer do tempo eu criei muito trabalho, criei umas 300 músicas. Aí quando foi em 1999 fiz meu primeiro disco, Espaço, com músicas autorais, e fiz alguns shows. Um tempo depois, em 2013, criei outro disco e um show, Cordas e Acordes. Dei uma investida boa na roupagem das músicas, e toquei em algumas casas de show. Fiz trabalhos no CCBNB, na Casa Grande Nova Olinda, no SESC, na Prefeitura. E sempre investi nesse trabalho.

A criação de tudo isso, da música, das letras que eu crio, a expressão de cantar, ela veio lá da minha tribo dos índios kariri. Quando comecei a criar minhas letras, falei em água, no vento, nas pedras, pássaros, mata. Não falo diretamente assim, mas quando vou fazer a música, eu viajo nesse mundo. Falando da natureza, das minhas origens. Inclusive tenho música só instrumental nessa mesma base, porque quando você começa a ouvir, se você mentalizar uma mata, você

viaja. Então é dessa forma que eu crio os meus trabalho, minhas letras e música. Sempre eu tenho muito cuidado de não fugir muito dessa coisa, e sempre quando eu tô fazendo todo tipo de trabalho em relação à música, eu busco minhas origens. E mentalizo meu pai, minha mãe, minha vó, minha tataravó dos índios kariri porque aí, na hora que eu lembro – hoje eu tô com sessenta e quatro ano – eu me vejo com dois, três ano de idade, na época quando eu comecei... lembro daquele som, daqueles dizeres dos meus avó, do meu pai e da minha mãe. Então eu tenho tudo pra eu fazer uma boa letra. Mas pensando bem nisso, volto naquele passado, me sinto um menino, uma criança na beira do rio pescando, brincando, fazendo aquele, como diz na nossa linguagem, um xibungo de barro, que queria dizer qualquer coisa, um boi, um cavalo. Minha infância, falando de coisa material, eu não tenho coisa material, mas ninguém teve uma infância mais rica que eu. Pode ter igual, mas melhor não.

Eu gosto muito de samba. Eu criei sambas. Samba é uma coisa... eu tenho paixão pelo Brasil, o Brasil é uma coisa maravilhosa. Mas aí veio o afoxé... pronto, olha aí que loucura... o afoxé é uma coisa demais também, tem uma ginga, uma coisa que mexe. Falando do baião, o baião também é uma coisa muito nossa, do Nordeste, falando das nossas origens, é uma coisa que mexe com você, como dizia o grande Luiz Gonzaga, a sala de reboco, [pisando o chão] você tapava a casa, pisava batendo o barro, mas era por obrigação, traçar o barro pra fazer o forró... era uma coisa muito boa. Aí o pop/rock, eu também gosto muito, e quando eu comecei a ouvir os Beatles, era uma coisa incrível, o Elvis também. Aí comecei a definir a questão do xangô, dos terreiro, aquele tombar daqueles tambores daqueles terreiro, falando de Iemanjá, dessa cultura... pra mim sempre foi uma viagem, era minhas noites de choro e de alegria. Você ter a noite de chorar de alegria, não tem coisa mais maravilhosa do que falar desses ritmo, do samba, da chula, do samba de roda, toda essa grandiosidade, coisa da Bahia. Eu tenho verdadeira paixão pelo meu Brasil.

Minhas letra não são agressiva, não é de estourar e explodir. Minha letra é pra ouvir, eu falo que nem meu mestre João Gilberto e o mestre Chico Buarque. João Gilberto dizia bem assim: “a letra e a música não pode ter agressividade”. Você tem que cantar com o coração, a expressão da palavra é o que você vai ouvir. Não rimou não, mas é! [ri]



Sobre o trabalho não-autoral que fazemos aqui no PROCEM, criamos a Banda Tambores do Axé há quatro anos e o Maracatu PROCEM. Com o maracatu, começamos a participar com trinta-quarenta pessoas dos eventos de tradição do SESC, do município do Crato, tocando em praça com os brincantes, crianças, senhoras, senhores, até de 80 ano. Quando eu vi o maracatu na televisão, eu senti no sangue que era uma coisa, ave maria, muito linda. Com a Banda Tambores do Axé, cantando coisas da Bahia, começamos a ter contrato pra tocar com prefeituras no carnaval, lotando praça, tocando pra até seis mil pessoas. Fizemos também um coletivo musical em 2018, o Coletivo Dona Zaira, com músicos que se encontra pelo menos uma vez na semana na cozinha de nossa casa pra tocar música brasileira.

Sobre o que eu crio na luteria, eu faço violão, rabeca, violino, até sanfona, marimba com tecla de vidro. Eu devo ter mais de cem modelos de instrumento. Eu procuro colocar minha cara no instrumento. Os violino que eu faço são diferentes, mas funcionam como violino, só que eu coloco uma característica totalmente diferente. Através da luteria eu crio outros instrumento, comecei a criar escultura sonora, instrumento de percussão, bichos. Por exemplo, eu tenho uma águia que é um berimbau. Tenho um pavão que é uma rabeca. Fiz uma tartaruga que é um violino, feito de uma cabaça. Você olha pras escultura, vê só as escultura, e quando menos espera, é um instrumento. Eu tenho uma escultura que é uma caixa de madeira, que forma um carro, e depois um violino. A luteria pra mim é uma coisa fora de série, é uma viagem que você não para mais.

O maior empecilho que eu tive pra fabricar esses instrumento é ferramenta. Pra fazer um corte de precisão precisa de uma máquina, até hoje eu corto com uma serrinha manual. Eu faço do meu jeito. Dá um trabalho, mas tudo bem, é a forma que eu tenho. Pra fazer uma lixada perfeita,



precisa de uma máquina, eu lixo com a mão. Não é porque eu quero, é o que eu tenho. Até os arco de serra eu fabrico, pela minha formação de ferreiro, pela necessidade. Fabrico formão, suvela. Tudo isso eu tenho que fabricar porque não posso parar com minha luteria. Até que apareça uma máquina, recurso, eu lá

vou esperar? Eu crio a ferramenta, com dificuldade, mas crio. Se eu tivesse uma facilidade de ter equipamento, pra montar o ateliê, então a produção era bem grande [ri]. Em vez de fabricar um instrumento por dia, fabricava dez, cinco ou seis.